

[ELEFANTE-REI: POEMAS B]

Antônio LaCarne

[2ª edição online & revisada – 2012]

[árbol de espuma]

Elefante-Rei: Poemas B

Copyright © 2012 by Antônio LaCarne

1ª edição: 2009

ISBN: 978-85-7810-346-0

2ª edição online e revisada – outubro de 2012.

Coordenação editorial: Joana Rosa K

Editoração eletrônica: Árbol de Espuma

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação sem a prévia autorização do autor.

Obra protegida pela lei de Direitos Autorais.

Poesia brasileira.

Árbol de Espuma

arboldeespuma.blogspot.com

oimpenetravel.blogspot.com

*Elefante-Rei,
um livro b,
para pessoas b,
com suas vidas b,
enquanto descobrimos
o que significa
a primeira letra do alfabeto:
o “a”.*

*Sim,
iremos lapidar as fontes,
o elefante não tem rosto,
o elefante é cor,
o mundo cospe,
eu cuspo,
eu sou b.*

*não sei se heróico
ou cheio de sangue.*

[invólucro]

É apenas miséria, meu bem. Comunicação interiorizada. Insisto até atingir o meu pior pedaço.

Decido neste primeiro dia de agosto rejeitar todos os papéis escritos e reafirmar uma indignação ao personagem-vida-mundo. A maquiagem dos corpos evidencia um rosto de cristal falso. Existe um eterno perigo por aí, e em nome de meu pobre nome em vão, entristeço a calma utilizando a imperfeição dos dedos. Aponto uma direção contrária ao horizonte, e espero que os músculos de um corpo me acolham nesta possível chegada. Um caminho de barro é o que resta: sujar os pés na busca, solidificar a destruição das farsas, magnetizar teorias, relembrar suaves e rápidos conselhos ditos por amigos de ocasião.

Restam sobras, docemente enxáguo as roupas que me enfeitam nos dias de alegoria onde somente eu posso dançar – balançando as asas que me impossibilitam a aterrissagem. Mas os mistérios de novas cidades e ruas e indivíduos não me encantam porque não há local propício neste mapa. Alguém alimenta dívidas utilizando olhos de falta, este alguém finge entender – não há inteligência.

Não mais o destino preso ao meu alcance – pensei – antes de me vestir para a noite. Antes, os supostos olhos observadores perderam a cor verde e tornaram-se olhos de inveja. Há desejo em cada objeto visto, portanto o meu amor te destrói enquanto me arrasto lentamente ao meu arranha-céu de pedra. É impossível querer mais de ti. Tu não te movimentas no decorrer da dança.

[bestiário]

Para matar a fome engulo os dedos, um por um.
Engulo os pelos do peito.
Lubrifico os lábios com a lubrificação do meu sexo.
Pronuncio a palavra NOITE.
Pronuncio a palavra COMBUSTÍVEL.
Pronuncio a palavra SORTE.

Magnetizo-me em instantes.

Saberei experimentar o perdão mastigando-o suavemente?
Ou a sina das eternas falhas será a minha história?
E tu choras inteiramente através dos meus erros.
Temperamento fogo.
Queixa infiltrada nos movimentos rápidos.
Conjecturas ínfimas.

& depois: eu nada penso,
pisco os olhos em direção ao chão – desabo sobre ele.

Na madrugada não dançarei contigo
pois estar sozinho é mais eterno,
amanhecerá um domingo de sol,
estarei em casa, sonolento demais
para a tua fome sadia,
investigo as tuas fotografias
e o teu aumento de peso,
nunca poderei ser gordo,
não sou desleal com as mentiras,
você as engorda, eu as emagreço,
você fotografa bares, pessoas,
eu não te escrevo cartas,
com uma única mão
multiplico as cartas do baralho,
eu te rejeito.

Revelo um ponto final
na descrição insensata
de um porta-retrato quebrado:
não há serventia,
nem movimento.

[o instante do corpo]

São dois segundos menores
entre a tortura de estar vivo e um beijo.

É o momento em que uma mão rejeita a outra mão.
É o silêncio quando uma porta é fechada em revolta.

No instante do corpo os pensamentos são cacos de vidro,
alegrias são lembradas,
é o instante em que a fuga é um belo rejuvenescimento,
é o instante em que uma mãe rejeita o próprio filho,
é trancar-se numa prisão sem janelas,
é comer e vomitar e comer o próprio vômito,
é lambar a imagem de um santo,
é engolir as bolinhas de um rosário.

Salva-se quem conduz o corpo.

Seria eternamente vasto,
côncavo,
impermeável,
o instante do corpo é nulo,
quatro fomes em uma só boca,
palavra mentirosa em dialeto.

O instante do corpo descarta mandíbulas,
ancora círculos em círculos
como quem mascara um afeto.

O instante do corpo é uma cintilante insatisfação tardia,
um triste fim: futuro desígnio na armadilha.

O precioso elemento.

[paralelo desigual]

Intacto é um muro de pedras, e depois de mim vem o poço. O buraco no muro é um silêncio morto. Cumprimentem o primeiro sol, deitarei na cama para esticar os ossos e a visão do teto será a única paisagem. Sou autorizado a ter dois olhos míopes, mas alguém ao meu lado ousa dizer: "isso nunca será de sua posse".

Reconstruo a farsa: cumprimentem a segunda casa, as paredes do quarto estarão impressas nos pedaços de madeira das portas, na areia presa ao meu sapato. Ouça então um grito, não se trata de horror, é gemido agressivo, carta de alforria ao escravo livre.

Eles permitem que eu veja a palma de uma mão. Eles permitem que eu vá embora. Se volto, eu perco. Se continuo, estaco. Chorar é um vazio que o organismo rejeita. São raras as noites de frio, e o lençol é um manto devastador para os minutos de corpo-a-corpo.

Mantive meu segredo. Meus pés descalços confortavam as raízes das árvores. Num esconderijo recém descoberto fumei cigarros. Sou Antônio entre quinas e rodapés. Ao ruim do gosto tomo-lhe as pálpebras. Despeço-me do trem anunciando sua fuga: máquina veloz correndo indiferente.

Eis que transtornado exibio um rosto plastificado. No meio de uma surpresa doméstica somos cobras falantes, não temos gesto e o futuro nos desune. Nossas carcaças vivas abduzem mortes corriqueiras. Somos considerados culpados: vastidão transfigurada no anseio de um pedido. Eu, sem os adornos que escondem uma vergonha.

Aos poucos me distancio e me aproximo de mim mesmo. Perderás o medo em um dia de vida. Cobriremos o terceiro sexo com um possível terceiro braço.

Em revolta quebro as lápides que sustentam o alvo. Ao fazer uma pergunta perco toda a essência. Ser translúcido para conquistar o amor. Mas o que eu quero é um amor côncavo.

Aos poucos me distancio e me aproximo de mim mesmo. Aos poucos me reconheço.

[pirulitos de arco-íris]

Estou entre os meninos
que chupam pirulitos de arco-íris.
Estou entre os solitários corpos
despidos e desprotegidos na noite.
Corpos nus tocados por suaves pernas nuas.
Umbigos lambidos por lábios adocicados, vivos.

A minha língua desliza sobre o teu peito
que cobre um coração desolado como o meu.

Estou entre os meninos
que mastigam a própria saliva,
que vomitam a própria saliva.
Estou entre a mesma força que não é
uma força igual, nem nunca será igual.
Estou aqui, perplexo com meu destino
de menino despudorado,
menino ridicularizado,
menino sem pai.

Assustadíssimo por reconhecer um ser humano
Fraco, falho, insípido.
Porém um raio de luz enfeitado de diamantes
Desliza na minha garganta e ouço uma voz:
É a voz do mundo.

[jesus violento]

Jesus violento, Jesus violento,
beba no meu copo de vinho o Teu sangue,
o teu sangue derramado nos poros
de um semelhante afogado em mim.
O Teu semelhante que não quer ser meu.
O Teu semelhante que não quer ser eu.
O Teu semelhante que diz ter boa aparência,
e os que têm boa aparência não podem ser como eu.
Oh doce e amargo, Jesus violento.

Saiba de mim como um triângulo pontiagudo
colhendo a minha existência nestes rastros de cruz,
triângulo furando o que não é círculo,
exalando o que não é sabor nas narinas de Teus seguidores.
Jesus violento, Jesus violento,
eu nunca quis estar vivo entre os homens,
eu nunca quis ser um falso mentiroso,
eu nunca quis ser um súdito entre reis e rainhas.
Oh escuridão e claridade, Jesus violento.

Não comi o Teu pão para maltratar a fome,
no colégio de freiras onde estudei eu era uma sombra,
todos riam de mim, ninguém enxergava o meu peso.
Aos dezoito anos caí em tentação,
mordi a maçã com olhos famintos de súplica.
Eu queria a maçã, sempre quis a maçã,
eu desejava mastigar a maçã, e engoli a maçã inteira.
No dia seguinte nasceu em mim uma asa escarlate,
no dia seguinte minha mãe não mais chorou,
no dia seguinte não fui ao meu encontro.
Oh verdade e mentira, Jesus violento.

[muito longe de ti]

Querido pai desconstrado,
os olhos são telhas de vidro,
o fruto em minhas mãos nasceu de tua árvore,
o teu amor-silêncio é unicamente
sangue, não é presença,
recebi amor estrangeiro ao nascer,
e a culpa não redimiu os meus pecados,
a glória na remissão dos meus pecados.

Mas o que não se desfaz,
o que não se esconde,
este sou eu e não uma cor verde,
este é o desejo sobre tua memória,
e a tua morte será o meu grito:
um castigo de dor que alivia.

Muito longe de ti
em voltas, cambalhotas, quedas.
Muito longe de ti
e a falta do teu divino reconhecimento
que para mim é tesouro sem pedras preciosas.
E já estou perdido nesta cidade,
inútil em pedir auxílio,
inútil como os descrentes nas ruas.
As ruas, as esquinas, as pessoas mortas,
o barulho, as coisas, as reações.

Sou escravo das ventanias da mente,
correntes prendem as tuas mãos,
mordaca em nossa boca,
minhas pernas arranhadas.
Sou escravo muito longe de ti,
os olhos são telhas de vidro,
um castigo de dor que alivia,
este sou eu e não uma cor verde.

[transformação]

Você tem o meu corpo
na palma da sua mão,
e eu penso no brilho que uma estrela oferece
ao mundo, quando eu,
ainda adolescente, perdi
a fórmula que faria de mim
um belo rapaz pronto para beber
as ondas salgadas do mar.

Acendi velas no chão,
ajoelhei-me perante o seco e o árido,
um dia suave, confissões rarefeitas,
o espelho a refletir o amargo,
saboreando o açúcarado em mim,
evidenciando tal delicatessa em mim.

E eu sorrio ao ser agradecido
pela pureza das palavras,
pois a minha boca não é feroz
quando o meu interior floresce,
o que está por dentro
é minha melhor forma
de definir o que a realidade/infâmia
dos outros não permite.

[Lúcio-lua]

Eu, Lúcio-Lua, estou insatisfeito com as sortes:
consequência do pesadelo das erupções.

Séculos atrás – ou há quase vinte e cinco anos –
evaporei dos córregos as gotas de água limpa.

Luminescência indiferente
sem a voz adequada de um palpite.

Entre o suposto ir, o querer e o negar,
projeto-me na chuva repentina.

Além deste peso quero construir a casa de mim,
resplandecer-me para o meu presságio de vida.
Não hei de ser nuvem,
sou idêntico ao que se condensa na atmosfera.

Ao redor da casa plano árvores, expulso os caçadores.
Minha casa-abrigo de portas escancaradas
ou um santuário-hóspede de sentimentos.

E o modo como eu, visto de longe,
arranco a ideia já morta de ti,
ultrapassando o meu querer bem,
cortando os pedaços do amor perdido.

Toma-me por incorreto ao avesso da nuca,
não sei nada sobre a reprodução dos animais.
Toma-me além deste fato,
se és dissonância,
sou um puro azulejo dourado sob os teus pés.
Diamantes escondidos nos dentes.
pérolas e rubis reluzindo, reluzindo...

Eu, Lúcio-Lua: absorto, gigante.
A aspereza de um castigo
enxuga o hálito das premonições
num recado de confiança.

O recado traduz duas palavras.

[elefante-rei]

O paraíso do escorpião ao meu lado
é o meu contato direto com o inferno.

Elefantes-Reis seguem em marcha
cruzando a selva azul de Henrique Matos.

Perguntam-me como estou:
estilhaçado – respondo.

Auto-precariedade.
Repetição enfadonha.
Sons da velocidade dos carros.

O meu significado é sigiloso.

A minha cultura aos poucos morre,
e há os dejetos costurados no meu globo ocular.

Círculos de águas paradas
são os instantâneos de um flash:
o consolo que eu esperava ouvir.

Animais soltos em paisagens,
bem-estar mal cuidado,
peço um medicamento ao Dr. Misericórdia,
ele me receita precaução.

Amor tardio preso aos vinte e quatro sussurros do deus.

Por não saber manusear os talheres
Radico-me em assentos públicos.

A sujeira cria um abrigo nos poros.

Mas perdoa-me,
Pois se eu lutasse contra mim mesmo
Eu jamais ganharia ou perderia,
Eu apenas teria feridas.

Desejo então
– após cair do cavalo –

Um beijo para mim mesmo.
Rua chamada Prisão,
Esquina onde trafego:
Lindo, igual ao nascimento do filho.

Eu me deixei ser um prêmio conquistado
Pela tua embriaguez sorridente:
Erro lapidado com o meu consentimento.

Palidez é o meu signo.

Elefante-Rei é o excesso de ossos doloridos,
a meia-aliança no anelar direito,
brilhantes desvalorizados cravados no ouro,
ombro diminuído na parafernália de vozes,
som enxuto, descampado.

Por que não foges?

Imagine o comportamento estóico
dos caramujos cruzando o corredor.

As estações sem efeito, o defeito,
desapego na intimidade,
sincronia absolutamente duvidosa.

O elefante experimenta este orgulho?
Ele reproduz musculatura tesa
no exterior de suas carnes?

Diga que estou a morrer injustiçado
no covil de aranhas caranguejeiras,
8 pernas negras,
4 pernas para cada metade do coração.

O aprofundamento da ilha.

Pigmeu: ritmo de tambores anestésicos.

Degustação no vácuo,
sem garfo ou faca
para perfurar a proliferação dos pelos.

Elefante-Rei em meu banheiro,

Elefante-Rei, heróico, temperamental,
azul, intolerante, luxuoso.

O elefante glorioso arruma as malas,
ele me ensina novas línguas,
ele enriquece o meu dinheiro.

A minha palavra inteira,
incessantemente conjugada,
o meu reverso congratula
uma tempestade de ira,
insultos, agressões físicas,
malabarista do fervor demoníaco
misturado ao canto da latitude no limbo,
as labaredas na incendeiam
esta eloquência foto-biografada
num retrato de trás pra frente,
pois nesta mesa meu pé conduz
o lamento do sal no pote de açúcar,
grão solitário servindo de cobaia ao doce,
o sal chicoteado pela doçura
calculada do doce,
mas há um incômodo nas costas:
cascata da natureza,
milhões de anos onde a capacidade
das relações humanas é falha.

Sente-se ao meu lado
e teremos uma conversa corpo-a-corpo.

Você me edifica uma morada,
recuso o passo, o tom, os elogios, os gozos,
e carrego em meus braços o delírio
ao perder-me no território lamacento sob ruínas.

Elefante-Rei protege a minha coroa,
Sou um príncipe rumo ao trono.

[precipício-princípio]

Angelo lentamente encontra seus vestígios espedaçados de vida, como quem tropeça ao caminhar. Após o tropeço, uma pausa, o corpo se imobiliza para ver a elevação na calçada ou a pedra culpada do possível tombo. No parar para crer há uma percepção arredia: eu sou assim, eu quase caí. O pensamento é guilhotina entre os segundos de um minuto - na incompatibilidade de um dia interpretado. No grande mar dos fatos, situações reincidentes são ondas sedentas, mas ele, que não é bobo, mergulha no mar, provando-lhe o salgado com caretas de asco.

[selvageria]

Erros no dia-a-dia
no impenetrável que me define,
e os rostos impuros ao meu redor
são testemunhas abstratas
do amor imerso,
sutilezas quase ignoráveis
aos outros corpos vagos,
vazios de nitidez,
em auréolas criadas para a cegueira,
os escravos chicoteados,
massacrados com o meu sorriso de malícia
quando fui o único morto entre eles,
até o fim de minha vida a pele não terá cor,
escravos fugitivos cuspirão
na mão-minha que oferece um fruto,
rejeição ensanguentada nos dentes tão brancos,
sendo eu o mesmo homem,
com a mesma faca,
com o mesmo sangue,
com a mesma negação,
com a mesma violência,
com o mesmo sexo
na grandiosa vontade de ser livre.

[a paixão e o céu da minha boca]

Então o universo continua a mesma redoma insaciável de máscaras. Todos bebiam, eu bebia, fui ao bar buscar uma dose de vodka, e antes que eu retornasse ao meu santuário petrificado, interpretei a minha própria imagem. Agachado, eu respirava, eu inspirava, éramos desconhecidos, eu lambia, eu salivava, minha boca era preenchida, meus olhos procuravam outros olhos, eu insistia no ato, o céu da minha boca era um paraíso apocalíptico, o céu da minha boca era a paixão reencarnada nas mãos de um ser vivo: um transeunte, eu, o céu da minha boca. Lembro que eu deitava em cama estranha, lembro que eu vagava num labirinto onde a minha vaidade era domesticada, lembro que eu segurava as grades da cama, lembro da dor, lembro de ouvir uma mentira, lembro que meu telefone não tocava, lembro que eu acreditava nas frases, lembro que eu gritava de dor e ele dizia – ele dizia – ele dizia que doeria menos, mas com a força de músculos sobre músculos a dor é mais forte, e eu sofria, eu suava, eu não sentia prazer, eu lembrava de todos os perigos e de todas as formas de sedução que eu havia inventado, e ele dizia – ele dizia – ele mentia, ele era um homem de trinta e nove anos, e ele causava dor por vontade própria, e eu acreditava em todas as mentiras que o homem de trinta e nove anos contava, eu acreditava, e ele persistia na grande mentira que é sentir paixão quando a paixão era a dor que eu sentia no céu da minha boca. E a paixão é um sexto dedo, hoje telefonei para alguém, e era uma gota de alegria o que eu sentia, e sei que perdi a alegria e ganhei uma amizade, ganhei um sexto dedo, fui especial e não venci, desliguei o telefone com a metade de um sorriso no rosto, fui corajoso e fraco, tentei pular para o outro lado, tentei, mas me perdi dentro do céu da minha boca. Estamos em agosto e agosto não é paixão, é destino, a ilusão é uma faca, querer outro caminho é esperança, nunca o sol teve um brilho reluzente com hoje, o sol parecia ser uma claridade apagada esperando a renovação do tempo, o sol é matéria complexa aliviando um brilho que arde, meu orgulho é uma mordida que arranca o pedaço de um pedaço de não sei o quê, meu orgulho arranca as pernas da paixão. As pernas. Um pedaço de não sei o quê. Brilho na cegueira dos olhos. O sol na direção contrária. A paixão na direção contrária. Engulo os ovos do ninho para que eu aprenda a renascer – e paz sobre a terra árida onde se planta e não se colhe. Um fim. Um gosto. Uma solução para o problema. Biografia estilhaçada. Livros por ler. Paixão. O céu da minha boca.

[transatlântico de luxo nas ilhas encantadoras]

Alguns migram numa fortuna demoníaca sem perigo, conhecem ilhas paradisíacas entre países de difícil acesso. O mais exibicionista entre eles faz uma pose para a fotografia. Uma mulher com mais de quarenta anos finge ser jovem, mas ela não é bela, nem sorrir ela sabe. Os dois deitam na areia e cochicham – não ouço o que eles dizem, é o meu desinteresse.

Enterro na mesma areia que eles pisam uma gota de saliva mortal.

Falta-lhes lucidez, por isso aprecio tais fotografias de felicidade com a minha boca costurada. São poucas fotos disponíveis para a curiosidade pública, eles estão rodeados por pessoas nuas.

Perda de tempo sem predileção – minha opinião ecoa aos ventos sufocantes de cigarros neste quarto. Se eles fingem, recuo um passo. Se eles caem, a escalada de volta é triunfante.

Engasguei ao dar a primeira mordida – vi um transatlântico de luxo nos mares da cidade grande – o enorme barco branco cuspidor riqueza e poder – outra coisa: um abençoado pode dizer que está contente ao acenar em despedida com braços nus, seu sorriso é de quem zomba, intimamente ligado a um golpe prestes a cometer.

A liberdade que eles exigem de mim é demasiada – tenho longas raízes de concreto presas ao núcleo do planeta, não consigo arrancá-las. Quem me criou deverá saber o SIGNIFICADO de tanto dilúvio interno.

Estes olhos são portais de aço.

É inevitável, as narinas respiram o mesmo ar – inconstância de oxigênio quase planejada.

Eles esperam que eu me arrume e chegue a tempo?

O dinheiro de meses de economia está destinado a outro fim: uma viagem para mais perto, talvez.

Notas de um bilhete: 1-Querido amigo, hoje recebi seu lindo postal de Londres. 2-Eu poderia, agora, continuar a leitura dos contos completos de Virginia Woolf, mas estou tão cansado que prefiro dormir. 3-Exijo uma urgência de novidades para os meus dias, na maior parte do tempo sou pobre. 4-Ao dormir terei sonhos esquecidos, é uma pena que não poderei contá-los a você.

Profano é não sentir-se bem vindo na própria carne.

Ode para que eu me acalme. Por que os barcos afundam? Todos os tubarões são agressivos? Conte-me sobre os elefantes da África.

Desisto, Ângelo é meu personagem restaurado, se eu contar detalhes de sua vida acabarei por criar um forte laço de amor, mas como chegará o momento de abandoná-lo, hesito em ser Deus. Ângelo me protege dos intrusos, e bebemos, conversamos – nunca estamos separados.

O sopro de eloquência não se manifesta. Um julgamento particular assombra os dias atuais.

[conversa com monstros]

Cinco segundos,
tempo suficiente
para alguém enxergar.

Olhar,
não ser visto.

Há um limite para a compreensão
de tudo o que não se tem.

Viver não é opção,
é única escolha insensata.

O que mais me dói ultimamente
é sentir pena de mim mesmo.

Então você diz:
patologia.

Quando eu precisar de remédios
ao invés de pessoas,
poderei visitar um médico
para que ele me receite pílulas do sono
ou a pílula de “que tudo está bem”,
e o que eu tenho é uma “doença”
a ser tratada,
no futuro curada,
e depois aprenderei a viver.

Então você diz:
não posso imaginar que alguém
tão bonito e inteligente seja assim!

Olhar,
não ser visto,
os cinco segundos.

Você não me procura,
eu me aproximo ainda mais.

Somente um louco

é o que não sou.

Maníaco depressivo?

não, nenhum desses termos me define.

Você morrerá antes de mim.

[corrupção no falso jardim da rosa]

Escuro
fragrância de névoa suave
doce cruzar de pernas
feitiçaria instantânea & mal curada
probabilidade de mil números
os homens zombam
as mulheres sorriem – educadas
um trovão de verdades no desejo
constantemente
afirmação de luta cotidiana
podridão
voyeurismo arreganhado
incapacidade nos perfumes
sou incompleto por uma natureza passada
flores crescidas demais nos jarros
sem verdades
mentiras secando o dilúvio
inundação da própria espécie
amor inútil ao corpo
fragmentos incoerentes no homem bizarro
zombando
eu
as mulheres sendo educadas
eu
mulheres amadas por homens
elas
pensamento injusto
tu
união sem recursos para a justiça
o resto descartado – descartável
mas tente reciclar
sim
a infidelidade no rosto
adaptação ao estômago omissa
dissociação
tolerância com as fezes
a constelação de câncer povoa meu equilíbrio
mercúrio
fuga vítima de mim
clarividência passageira

prato vazio lambendo-me como refeição
goles sólidos
roubo os pedaços da salina
nojo
sem gestos
lua minguante no céu.

[prelúdio]

Sob qual raio de ardência pode-se domesticar uma leveza? Sob influência da sede o esplendor é impuro. Sob qualquer luz o breu é um ponto, o início da história. Uma leve intuição de coisas boas imita a assinatura do deus imantado nas alturas. A vela acesa atrai um elemento disperso: a aproximação de alguém sumido, a vontade de escrever outra palavra. Cai sobre ti o remorso dos não admirados, e ao mesmo tempo duas mãos aniquiladas se respeitam na despedida. É um homem estático, de pé, ao longe. Os trilhos partidos derrubam o trem, os que estão sentados morrem, os de pé quebram os ossos, rasgam a pele. Na calmaria dos primeiros segundos a rotina dos animais é devastada por máquinas em colisão. Não pense em mim quando estou pensando em ti. Demasia é água que indiretamente não molha, mas umedece. Os teus segredos estão guardados comigo. Os meus segredos são transcritos na forma que você tapa os ouvidos e senta para uma nova conversa inspiradora. Copos são bebidos, mas nossos rostos trágicos forçam um assunto. Com o tempo nos afastamos dos lugares escuros, nos afastamos em filas para a compra de um ingresso para o êxtase de meros sabores. Não descrevo qual sabor. Você uiva no início e eu no fim. O teu corpo vazio transborda o meu corpo. Embriaguez saturada, pois nossos olhos poderiam diagnosticar rachaduras no solo, perversidades nas linhas retas dos cem mil habitantes nesta cidade. Mas uma carona para outro lugar não ofereço, pois a carroça que me transporta possui dois tronos dignos de dois reis: pai e filho. O Espírito Santo é o cavalo branco com sua crina dourada.

[paisagem de mármore duplicada]

Inesperadamente talvez porventura,
um viajante é reverenciado no azul
da cor que molha o manto da virgem
seduzida pelo desgosto do homem
vestido em trapos,
supremacia na força,
porém inerte na vontade de rezar.

Deve haver algum engano na complacência – internamente abismal – quando o castigo, com suas mãos tortas, levanta uma criança nascida no leito de um cacto. Aos cinco anos a naturalidade da dança perde sua sucessão de passos livres. Estou a movimentar o corpo com beleza, e por qual razão eles mostram os dentes? A magreza e altura do jovem que será um adulto tardio, um adulto sem distinguir ou entender o significado da palavra cacto, por isso ele descreve tal palavra às cegas, doente dos dentes. Deve haver algum engano neste fato. Retratações irremediáveis fogem aos ouvidos. Não ouço perdão, então hei de questionar o arrependimento. Viro-me de costas, deixo que me amarrem, que me cusпам nas órbitas. Com a maior unha eles riscam meu corpo, escrevem palavras obscenas, rasgam minhas roupas e com elas hasteiam uma bandeira símbolo do amor macabro. Deve existir um túnel onde a saída não é o assombro do dia. Meu triunfo pessoal é sentir o coração protegido pela carcaça que é o corpo, por este motivo eles não exploram o meu peito – eles sabem o que lá floresce.

Depois do meio-dia o sol é tão forte e não posso me locomover como um lagarto deslizando na neve. Terceiro esboço, terceira tentativa. Tive um sonho, meu anjo do sexo dizia ser meu dono, disse que eu correria perigo. Terceira infâmia, terceira suspeita de abuso. Nunca mais o vi, ele nunca esteve no céu. A infantilidade muda do meu grito é tola, é um filhote de pássaro com fome. De cima do muro o falso amante é uma estátua de sal prestes a derreter. Eu lamperia todo o sal de seu corpo. Invejo cada centímetro fosco e quero dar de comer a quem não me protege da gula. Apago, com as gotas de urina, a irradiação cancerígena entre as pernas. Eu também me deslumbraria.

Surpresa no redemoinho?
Não!
Novas aprendizagens
ou irei sucumbindo...
(Sorriso rápido)

Para não assustá-lo
retorno ao útero da mãe
perdida no mês de março

- no casamento depois do almoço
enquanto a invasora chuva
molha o telhado da igreja.
Para não assustá-la
meu coração bate no ritmo
de poucas palmas.
Para não assustá-los
estou dentro da gema do ovo,
sob o branco vestido simples
entre a chuva correndo intensa.

Querido amigo,
minhas fechaduras mortas,
meu nome é ninho de dragões,
tenho medo da imobilidade de tal amor,
mas agora você dorme,
esta solidão não exige conselhos.

A vida é foice,
alma engatilhada
prestes a cometer um susto.

[o espelho de ângelo]

Calculando, nobre Ângelo, o número exato de quadriláteros no chão de casa. As poucas visitas na memória. Assim é o buraco, aproxime a cabeça e verás um espelho no fundo do lago. Não minto quando digo que a tua cabeça é mais bela, mas se o pudor persistir lanço meu melhor conselho: não beba, fume seus cigarros e qualquer palavra mal dita ecoará nas semanas futuras. Temos que manter cautela, os buracos escorregadios nos espreitam. Caindo, o que acontece? O buraco sugará nossas roupas? A visão de fim de jogo nos acompanha, fingimos antipatia, conhecemos pessoas interessantes. Mas o mais bêbado dos ladrões diz que nos deslumbramos com as novas ramagens. Não é pecado. Somos ursos polares buscando frio no grande sol de uma noite dançante. Quem nos vê não vai embora. quem parte pra longe luta contra a insônia. Eu deveria ter lutado contra o buraco, por isso transformei moedas em carvão. Meu corpo é uma paisagem de grama narrada pelos seguidores do profeta morto. Não deixei nenhum escrito para a posteridade de estantes. Os adeptos desta filosofia ouvem, com as mãos no queixo, as parábolas de quem não me impede de humanizar o buraco.

Meu horror: baixa imunidade no pensamento de luta. Diante da enxurrada de informações forçadas tive que invadir a conversa alheia, só assim eu teria motivo para ser visto – e na melhor das hipóteses, admirado por quebrar a falsidade de convidado em casa estranha. No primeiro rosto a rosto um copo caído, derramando cerveja nas vestimentas ricamente limpas: banho nas partes íntimas.

No urro, e no inchaço, caro Ângelo, o animal se recompõe para a próxima mordida. Prometeram-me distância ancorada no baú de objetos pontiagudos. Sangue ferindo o mundo, criação da cor vermelha. Tornei-me pedra no chão: pedaço de concreto frágil – succulento para um fluxo de perdas. Homem algum dizendo: tu não serás monumento. É Ângelo quem maquia a minha memória. Dinamite: comparação com a potência de motores de carros. O automóvel atinge o muro, o buraco se fecha.

[indigno]

Depois, um vasto silêncio para que ele relembre quem esteve contigo, comigo, entre os milhares de muros neste labirinto harmonioso. Perdendo-me na esverdeada cor de uns pequenos olhos em segredo perpétuo. Olhos que antes me observavam. Olhos que antes da morte enxergavam um mundo de luta.

Não há mais tempo para a viagem de volta ao lar e permanecer ausente é uma escolha sensata. Então o meu questionamento te atinge e não perco as espadas para a luta com o samurai vestido de vermelho. Quem és tu? – perguntei antes de ir para a guerra. Em fila o soldado reza e morre com o símbolo do amor guardado no bolso. De um jovem falecido, roubei seu cordão de ouro e vi sua genitália exposta. Alguém o havia molestado, senti o sangue nas mãos. Derramei lágrimas vasculhando seu corpo na procura de um ferimento, mas não havia. Sua urina era o sangue entre as pernas. O roubo era o desaparecimento do cordão de ouro em seu pescoço. A poeira da guerra banhava o rosto dos homens que corriam em minha direção e diziam: “fuja, ele já está morto!”.

Mas a morte digna dos indignos está adormecida. Sobrevivi e pude ser quem nunca fui por duas eternidades, até que a vida exigisse de mim um prazo exato para o teu contentamento. E este quadro grudado na parede representa a tarde de tempestade quando não há o frio, nem a esperança. De manhã sobre a mesa repouso os braços. Tomo um gole de café e mamãe não enxerga os meus olhos. Ou quem sabe eu possa partir e lançar meu corpo ao mar para que os tubarões, as baleias, as lulas, os siris admirem de perto seu alimento. Serei alimento dos seres marinhos da montanha – porque antes de um mar existia uma montanha repleta de bromélias e lírios.

E esta casa é o meu lar, o sofá suporta o peso do corpo das visitas que chegam, observam, recriam comentários sobre “ah, como você está bonito!”. Respondo com um pobre sorriso amargurado de quem não sabe o que é “isto” em meu destino. Mesmo perdido entre diferentes dores consigo chorar, o sofá ainda é meu, as cortinas do quarto voam como aves esfomeadas. Nas fotografias de mim mesmo o olhar é o acaso. O olhar finge alegria porém sou um desconhecido entre os guerreiros sobreviventes e minhas mãos tremem. Porém agora o céu inspira as esperanças de que a chuva virá. A chuva sempre alimentará o solo seco de minha fala aprisionada.

Novamente relembro o soldado morto sob a macieira. De longe, a árvore era um ponto marrom no meio da planície moribunda. Não havia fazendas ou rios no lugar onde presenciei mortes. Mas hoje meninos famintos e descalços correm léguas e roubam as maçãs que nascem. Qualquer forasteiro que surja de outras terras pensará que a árvore é somente uma sombra. A macieira é a fonte que sacia a desnutrição dos moleques. Um deles – creio – disse: “estive alguém aqui, olhe as pisadas”. Este alguém fora o soldado

morto ao meu lado. A guerra acontecida hoje é parte da história de um povo que presencia um nascimento, uma morte, uma desolação.

Morri, então. Estou longe do corpo do soldado morto, não posso distinguir seus traços, nem suas cicatrizes. Olho para a lama nas botas, e da lama finjo saber onde nasce o meu sustento. Volto ao meu quarto e não releio as cartas de quando eu era adolescente. Minha dignidade não está aqui. eu não tenho irmãos. Eu não sou livre.

Amanheci com um solitário que acorda e percebe que os próprios olhos são água que servem apenas para refletir o que Deus criou. E mesmo Deus sendo uma grande força, meu espírito teima em ser pequeno demais para carregar todos os comentários ríspidos sobre minha pessoa. Mas eu quis cantar a bela canção das sereias, e fui impedido porque não sou uma sereia e não vivo escondido no mar. Mas vivo escondido no mundo e do mundo. tenho medo de ser um homem que tem medo de ouvir a verdade. Se eu sair deste espaço e correr em direção ao mar, lembrarei que os barcos bombardeados são terríveis recordações de quem perdeu um ente querido. Dizem que o mar é traiçoeiro, temo ser traiçoeiro comigo mesmo como estou sendo neste exato momento em que frases tolas são cuspidas em revolta.

Existe uma luz sobre a minha cabeça.

Em seguida penso: o que farei? Enfileirar as paredes de casa? Este é um lar, esta é a porta, está é a cor da pele, isso é um sentido, esta é a resposta. Nada se pede, perdi o amuleto da sorte, perdi o cordão de ouro roubado. Meu coração não está maduro como as enormes maçãs roubadas. Sabe-se que alguém veio e partiu, desde então desenhei a vida como se eu fosse um lápis solitário. É tão oculto este trajeto que reverencio. Regressarei e pedirei abrigo nas sombras onde oceanos sacrificam a tua vida. Durmo e sonho e venero coisas sem nome, pois o meu destino é rabiscar o teu sofrimento em meu espelho.

[flecha de prata]

I

As sinestésias não devem morrer em vão,
se a escuta falhar hei de destruir a chave.
trancados – os ensinamentos –
lições de professores criados por mim
- eu vos criei para o aprendizado –
eis um absurdo:
o cantarolar de pessoas e suas coloridas roupas,
as semelhanças não se agrupam,
eu vos uni em desavença,
eu vos reprovei.

O inseto na retina
não luxa com o orgulho das multidões,
a doença não progride,
teimosos e impiedosos e educados,
tão sarcásticos e cansativos,
escondidos em véus de cortiços,
falta de dinheiro nos bolsos,
peles predominam a brancura da lua
- proximidade com as crateras –
tão invisíveis e inúteis.

Ao norte: a alucinação do sono,
não cabemos numa mesma cama,
os poemas reescritos não mudarão esta história,
as sarcásticas suposições
sobre o que se lê por aí,
Lanço uma âncora na falta de assunto,
o salvamento é negado,
oceano profundo é a cura merecida.

II

As aves da incoerência te elevam na cegueira,
por isso atua indignidade é tão medonha.

Em nome de quem deverás exigir punição?

Ordeno o realce da modéstia,
a humilhação da atual grande cúmplice.

Munido de folhas secas e barbantes
enfrento linhas retas pontiagudas
num equilíbrio de corpo ao meio.

Paira no teu ombro uma flecha de prata,
a flecha embelezada de candura não penetra,
a flecha não penetra.

Estrela de seis pontas desenhada com esmero,
profissional tecendo música
com agulhas de fino pincel.

A tonalidade? prata,
pois a flecha não fura.

A flecha não penetra.

III

Vou atravessar fronteiras, becos, ruelas, andando de costas, assim cada esforço cego
trará recompensas dignas de quem desvaloriza as garras – e escalando aos poucos,
erguendo a face através do trajeto mais pedregoso é que inutilizarei as táticas pré-
estabelecidas, então a causa perderá o efeito, o desejo perderá o medo, e a solidão será o
tempo escondido.

IV

A coragem, salvá-la,
permissão para furtar os destroços,
examine as cordas vocais do santo
e da lama,
cantigas de filhos,
divisão do espaço com os restos do hálito,
adore o meu medo,
adore o mal feito,
adore as miniaturas dos planetas,
a agressão do vento que assusta,
o vento assanha os meus cabelos,
sou grão de poeira, sou deus,
os orifícios das membranas conduzem
a má sorte deste ano,
memórias sexagenárias estão por vir,
são apenas meses,
¼ de século,
a terceira parte do dia.

V

99 orgulhos tocam tambores na sinfonia de Hércules e seus melhores criados espreitam quem não obedece os mandamentos da boa conduta, mulheres sujam de vinho os chapéus dos cavalheiros com suas barbas negras de puro ópio, não muito longe uma mulher, insegura, escreve cartas ao marido morto – morbidez romântica – pensarão no futuro, cada carta diluída é a dor diminuída enquanto o filho cresce e toma forma de homem, um lutador insaciável de sombras partindo para guerrilhas no sul dos campos não montanhosos, mas desertos de sede, as cobras rastejantes manifestam-se como franjas cobrindo as sobancelhas de anjos ruivos prontos para enfrentar o céu com uma faca de ouro. o sinônimo das águas é o sinônimo das lágrimas. Meu desespero fuma cigarros e o interior da boca possui uma carapuça de aço. Saudade das declarações de amor. De tudo o que é mundano não faço parte. De todo o desconhecido não encontro uma coragem. Deslumbrar-se é pedir ajuda.

[sonolência]

Aos numerosos sentidos do escuro
e suas brincadeiras de morte inevitável,
durmo por duas horas,
amarro os meus sonhos em um poste,
meu desejo pornográfico desperta o sono
nas páginas de um romance,
imagens de mulheres vãs
com seus homens caudalosos de peles flácidas,
a sensação de peso é uma droga,
o rumor do falso breu mancha esta escultura,
conhece por outras falas as sugestões de brilho,
a fumaça, ela é névoa que mancha
os calcanhares entre o alto e o chão.

O modo como investigo estes originais manuscritos,
o caderno azul cheio de pausas,
a página 42 diz que o meu medo é injusto,
injusto por demais feroz,
as sílabas paralelas ao nome,
o dom da cor ao amarelo do dia
visto nas mãos que clareiam
o crescimento do sol.

[os meses de sol]

Paira uma coroa em meu laço,
o fio de ouro em meu botão,
as costuras dilaceradas nos vincos
das calças, o cheiro de mofo
nos meses de sol.

Em meu chapéu pousa uma aurora nua,
nos sapatos a areia é o resquício de nuvem,
os cadarços são caules azuis
(a fotossíntese é colorida)
as traças que se alimentam do tecido
geram sementes de rosas
ressecadas ao amanhecer,
assassinas ao anoitecer.

As abelhas trazem o mármore,
as exatidões necessárias,
quando Ângelo, em meu pensamento
fabricado disse:
“amanhã, ao meio-dia, terás engolido a dor”.

[o corpo]

Era fuga o que eu tanto desejava
antes de cair perdido e entregue
ao próprio silêncio.
Perfeitamente insone, não quis adormecer
pois mais cem anos vistos de longe.
Eu engolia o tempo que fugia,
eu escondia a timidez com uma faca
para intimidar quem ousasse querer
o meu incrível e único bem.
Eram escolhas, e um beijo seco
trouxe-me lembranças de ontem.
Primeiro, mostrarei o meu coração
e suas infinitas veias de sentimento,
de sangue. Segundo, tu enxergarás o meu corpo
e os meus defeitos, e a minha beleza fragilizada
que te assusta.

Poderíamos comer um ao outro,
poderíamos sufocar um ao outro.
Eu vestiria negro em tua casa,
em teu pobre palácio que faz de mim
um solene soldado promíscuo,
perdido nos confins de Porto Rico.
Espero em seguida um pedido de amor,
quero recordar as marcas das mordidas
nos teus braços que me fortaleceram na noite.
Eu estava bêbado, eu parecia estar lúcido,
eu tive a coragem de ser teu,
tua mãe te libertou, ainda sou o inliberto.
tenho nas pontas dos dedos a frase que diz:
eu não fui quem hoje sou.

Começo a perceber que o teu amor
é quase pouco, pois não mereço tão pouco.
viverei as lembranças nesta tarde de chuva
que congela os meus pés sobre o chão.
O chão onde pisaremos descalços antes
que tudo seja um fim eterno.
Não mais pecarei, isso eu não prometo.
Escreverei na palma da tua mão:

eu não sei amar, mas eu amo o amor
presente neste corpo.

Uma raio de canção entre nossos corpos,
duas sementes prontas para o nascimento,
três telefonemas e quinze dúvidas,
mãos que tremem, mãos frias segurando
as tuas mãos aquecidas.

Meu peito então transtornado.

[esquecimento]

Usei parte de um corpo estranho
como se o meu mistério fosse desvendar
uma sombra que não é nítida, nem suave.
Ousei ser um homem vestido numa jaula
de homem, e este homem provoca a desordem
em inúmeros quartos, corredores, espaços.
Crucifiquei meu destino em vão,
meu presente está escondido em mãos
estranhas, porém o meu medo esconde o meu futuro.

Com palavras sujas de ouro
senti minha voz ser prejudicada por forças
irreconhecíveis. Amei o falso e não fui digno.
Ofereci a mão em cumprimento, mas o estranho
não quis tocar em meus dedos, nem em meu céu.
Acenei em despedida e um barco ao longe afundou.
É tarde demais ou cedo demais para que eu mude.
Ao meu lado o vento é um detalhe do tempo,
enquanto novos braços acenam e novos lábios
dizem adeus ao mundo que afunda como o barco
que eu vi. Eu antes havia observado um barco,
mas eu não era o mar. O mar é o meu medo.
Sofro com a minha própria voz.

Minha vida é um animal preso pelo pescoço.
Mas sendo eu um homem preso,
mistifico a vida com um silêncio maculado.
Mas eu apenas sorri demais,
eu apenas esqueci de que sou homem.

[negação]

Estás a omitir o penhasco
de cravos mortos em terra benta,

Luxúria proveitosa neste prato
onde comes o pão de um mês

intocado.

[a melhor luva para as mãos]

Resistência: ensina-me a calar.

O meu maior degrau: os falatórios do bom comportamento e uma musa ao meu lado – magérrima, perplexa como as musas devem ser para este deleite. O hospício engole quarteirões – nele, o pequeno portão de aço, e freiras – possivelmente omissas ao punir. A face do monstro da civilização diz: “Meu Deus, tal comportamento ocorreu em público?” Sim! você se importa com os excessos ou prefere alfinetar as excentricidades da bebida? Na hora do beijo, um salão vazio, o banheiro prestes a ser limpo. exercícios de libertação quando ninguém ousa me impedir. Sigo ordens – boas ordens não ferem.

(Desculpe-me, você está prestes a ler o fim).

PÓS-DOENÇA:

Preso no tráfego,
Não de automóveis
Mas de pessoas,
O esforço para atrair atenção
Não é válido
(as regras da vida me enlouquecem)
Ando de lá até aqui,
Do meu espaço ao oco dos indivíduos,
Por que o meu deslumbramento é doentio?
No suspiro
Educadamente sou transportado
Ao último lugar da fila,
A bondade enfraquece
As pérolas da amizade
Que são devolvidas às joalherias,
E sem jóias
Sem convites
Estou disponível,
Qualquer oferta é um naufrágio.

Narro a velocidade do projétil ao emparedar-me com a destruição da ametista alheia. O ouro faiscante dos perfumes – pescoços recentemente aniquilados, embrulho desgastado pecaminoso – é o que dizem – e lavo as mãos. Então lava o meu sexo, Ângelo. Enterra o meu sexo na vagina. Sufoca o meu sexo com o sexo de 4 sentinelas. O hedonismo das veias cospe sangue entre a mordida e o arrancar do pedaço.

IMPARCIALIDADE DE AFEIÇÕES/CAVALO FERROZ/RETRIBUIÇÃO/OLHO
MUMIFICADO/LUXÚRIA NO TETO DA CASA/MEU LIMITE RECOMEÇA.

Moderadores de ansiedade, iluminem suas brasas.

Precisamos nos compensar para não sofreremos!

Epidemia asiática vinda de fora/Trituração do cansaço/Hello, meu bem!/Nossos
encontros semanais transformaram-se em meras distrações/Finjo não te conhecer/Não é
fogueira além de chamas em nós mesmos/Febre oriental trás dor de cabeça/Os amorosos
falam sobre a lua/Oxigenação do cérebro/Suposição remota: não dormiremos/Cigarros
demais.

Garimpo contrastes e continuo a roer as unhas, não sou pedante, convido para o meu
rumo os melhores plantadores de honestidade, ouço baladas no meu torso, baladas
abstratas como a cara de hoje.

Bye Bye, amour.

Ecoam

Altivos

Dezenas de febres

Assombro-te – gargalhando

Serpenteio a histeria

O semblante é nostálgico

The sweetest fruit – podes rir – ludibriar a locomoção

Comemoro

Impassível

A redenção da terra profanada

Lambida ao esôfago

Nos tridentes escaldados no gelo,

Individualizando-me na torre

Tela 1: som

Tela 2: imagem

Tela 3: altar

Tela 4: abrigo.

Sou-me na alegria de um homem a criar seus filhos com bons conselhos. Esperarei o
nascimento do filho. Felicidade ampla, selvagem, pronta para a vida.

Que a cria logo nasça.

Esta última salvação é um canto de glória.

Esta última salvação é um canto de glória.

Esta última salvação é um canto de glória.

Esta última salvação é um canto de glória.

A-D-I-V.